ANO 3.º LISBOA--SEXTA-FEIRA, 27 DE ABRIL DE 1923 N.º 631

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

O NOSSO eminente compatriota, o poeta e professor dr. Eugenio de Castro, está como se sabe, em Madrid, onde tem sido objecto de grandes e sentidas homenagens. *El Sol* atribue ao poeta, numa conferencia na Residencia dos Estudantes:

«Depois de Maria Leonor Reis, graciosa filha do grande pintor Carlos Reis, a segunda poetisa é minha filha, uma rapariguinha de 16 anos, Mafalda de Castro».

O poeta refere-se naturalmente ao instinto poetico delicadissimo, desabrochando em almas tão novas de vida. E o jornalista comenta:

«Todos na sala buscamos a filha do poeta, e encontramos envolta de rubôr uma «jovencita» linda, fina, de olhos penetrantes e fulgidos que olhava seu pai com devoção. Mafalda de Castro fica em nossas recordações como aquela Mafalda ideal e de grande ascendencia espanhola, que está enterrada na catedral de Salamanca, e em cuja lousa se lê: «aqui yace la princesa Mafalda, que finó por casar».

E o jornal repete os tercetos de um soneto da poetisa, que dizem assim:

E o viandante sente-se cansado...
E vendo declinar o sol doirado,
que tinge de vermelho o ceu e o mar,

clama, cheio de fome e de canseira:
«onde é que está a minha companheira
que foge sempre, de me acompanhar?»

* * *

NA sessão camararia de ontem á noite, o sr. dr. Melo Breyner declarou que já não existe o hospital de leprosos de S. Lazaro, pois foi transformado em escola de enfermeiros.

Não se pode dizer que esta noticia seja de molde a socegar-nos.

Havendo em Lisboa um numero bastante avultado de leprosos, desde que estes não encontram meio de ser hospitalizados, nós contamos assim uma nova ameaça para a nossa saude.

Os perigos em que vivemos são já tantos, que mais um ou menos um não alarmam uma cidade onde rebentam bombas com tal frequencia que raros ignoram a comoção de defrontar-se com a morte.

* * *

ESCREVE-NOS o sr. Antonio Dias Branco uma carta em que corrige uma confusão do sr. Nuno Catarino Cardoso, no seu recente livro — *Camilo, Fialho e Eça*, quando diz que foi por iniciativa do ilustre escritor brasileiro Medeiros de Albuquerque que se erigiu uma estatua a Eça de Queiroz, no Rio de Janeiro.

—«O autor do *Visionario, Sensações e Reflexões, Da Arte e do Patriotismo* e *Belas Atitudes* é o distinto escritor brasileiro, sr. dr. Mateus de Albuquerque, a quem se deve a penhorante iniciativa de consagração de Eça de Queiroz, no Brasil.»

* * *

VAI ser dirigido ao governo português um convite para se fazer representar no Congresso de Historia das Religiões, que se realiza no proximo outubro, em Paris.

* * *

A LIVRARIA Coimbra Editora, Ltd. poz á venda a segunda edição dos *Serviços do Notariado Português*, da autoria de Tavares de Carvalho, autoridade no assunto.

DISCUSSÃO

Uma das grandes virtudes da democracia é ser o regime organico da liberdade, permitindo o exercicio desembaraçado de todas as aptidões e facilitando a expansão natural do pensamento.

As revoluções são meios e processos excepcionais de vencer resistencias que negam a civilização.

O exercicio normal dos nossos direitos não importa violencias, aliás teriamos sempre residuos de odios, prontos a explodir, na primeira oportunidade.

Os povos educados, cultos e seguros da sua vontade servem-se da persuação para fazerem triunfar as opiniões que, num dado momento, melhor traduzem o sentir da turba.

Deixa assim de haver inimigos para só se lidar com adversarios.

Estes não se combatem com armas, mas sim com argumentos.

A discussão levantada, franca e desempoeirada entre ideias opostas é a melhor maneira de as conciliar ou, pelo menos, de lhes limar as arestas.

Impôr convicções á força, obrigando alguem a guardar um silencio forçado, contrario, portanto, ás leis do espirito, não representa um exito para ninguem.

O essencial para a vida das sociedades modernas não consiste em oprimir para disciplinar, visto que a disciplina que não resulta expontanea do acordo livre dos espiritos será, quando muito, uma tirania disfarçada.

Entre nós, não se discute, porque ignoramos ainda as vantagens de ser tolerantes.

O cidadão perfeito é aquele que não receia defrontar-se com a oposição seja de quem fôr, aceitando a critica e os seus juisos, sem se refugiar em qualquer atitude agressiva e fanatica.

Porque é que a maioria dos portugueses se recusa obstinadamente a tratar, fora de animadversões, com os que não aceitam, com gesto submisso, a verdade do seu credo?

Como a democracia não representa aos seus olhos uma possibilidade de vitoria para todas as doutrinas que sejam justas, pervertem-na, estabelecendo no seio dela torreões de erro e intolerancia que permitem aos audaciosos sem escrupulos dominarem a Cidade, sem se darem ao incomodo de a persuadirem com brandura.

Não temos nós á vista exemplos frisantissimos deste mal que facilita aos menos aptos um prestigio falso e efemero, mas que eles aproveitam habilmente para satisfazerem as suas paixões?

A VOZ DA INOCENCIA

— Que estás a lêr?
— Os poemas do papá.
— Porque foi que te castigaram?

SEGUNDO o parecer fundamentado do academico sr. Morais Sarmento — que ontem foi o verdadeiro sucesso historico e critico da sessão da Academia — Fernão Lopes, o nosso maior e mais sugestivo cronista, poz em parte, se não em toda a sua obra, base da historia interpretada, uma grande dose de parcialidade. Serviu interesses do tempo, exagerando factos, protegendo clientelas, desvirtuando a lição e a verdade «jornalistica» dos acontecimentos. Não só Fernão Lopes. Todos os cronistas medievais. Não se pode negar a importancia controversiva desta comunicação, á qual fez uma brilhante oposição, elogiosa aliás, o sr. dr. Julio Dantas, que achou bem pôr de reserva o efeito do trabalho que foi lido. Que a Historia é feita, em todos os paises e em todos os tempos, de ficções que os seculos cimentaram — não ha duvida. Um literato historiador espanhol, combalido mas erudito, o sr. Vargas Villa, pretendeu ha tempo provar com o seu livro *Republica Romana* o erro, a inversa mesmo de certos prestigios de herois, de politicos e de moralistas do tempo velho. Julgam dificil, a uma distancia tão grande do ciclo de Pedro I, e dada a impossibilidade de se irem procurar depoimentos aos tumulos, esclarecer a verdade dos acontecimentos, e reduzir os cronistas á sua verdadeira situação de santos ou de embusteiros. Dificil — e inutil. A historia, como os muros velhos das quintas seculares, não se altera com a tinta fresca de juizos habeis ou profundos. Uma verdade ficará, porém, atravez de todas as comunicações, de pé e dominante: Fernão Lopes, «que criou uma verdade», é dos maiores historiadores e dos maiores servidores do povo, ao lado de Gil Vicente, e as suas cronicas, passe nelas ou não a sotaina do clero de mal com os reis, serão já agora eternas, como o proprio genio que as inspirou.

* * *

UMA das notas interessantes da politica espanhola dos ultimos dias foi a eleição, em globo, de 145 deputados, ao abrigo de um artigo da lei — o artigo 2901, como a imprensa espanhola unanimemente o designa, com a sua ponta de troça, e até, por vezes, com sangrenta ironia. Sem luta, sem comicios, sem gastos de dinheiro, sem energias politicas consumidas, o Parlamento foi robustecido com 145 «padres de la patria», que ninguem elegeu e a si proprio se proclamaram. A registar, neste caso colectivo, que aliás a lei portuguesa prevê — a proclamação sem oposição — ha o facto de a imprensa de todas as correntes politicas não se dispensar de salientar que deputados assim arranjados são mais o resultante de uma organisação artificial do que a consequencia do voto do país. Destes 145 deputados alguns são republicanos, socialistas, regionalistas, mauristas, ciervistas, emfim, dos pequenos partidos e grupos que em regra só costumam triunfar depois de acesa luta eleitoral.

* * *

CONSTA-NOS que a maioria das acções da Sociedade do Estoril foram cedidas a grupos de capitalistas estrangeiros, quasi todos espanhois, sem qualquer modificação na organisação da empreza.

* * *

O MINISTRO da Marinha sr. Vitor Hugo Coutinho já está eleito senador pelo distrito de Viana do Castelo. Foi esta tarde recebida no Senado a respectiva nota oficial.

Literatura

Dois livros

Quasi simultaneamente, cáem-me dois livros sôbre a mesa de trabalho. Dois livros de cronicas, de impressões, de comentarios á natureza, aos homens, á arte e á vida. Chamam-se eles *Castelos de Fantasia* e *Do meu Ermo* e subscrevem-nos, respectivamente, Alfredo Pinto (Sacavem) e Gastão de Betencourt. Dois nomes sobejamente conhecidos já nos centros onde entre nós se discutem coisas de arte, dois nomes que andam ligados a obras consideraveis pela solidez de opiniões e pela sinceridade de processos.

Olhando os dois livros, olhando-os naquela expressão muda e quasi humana que a nossos olhos tornam os livros cujos autores conhecemos de mais perto, acho interessante reparar nas diferenças existentes entre o temperamento que criou um e o que criou outro.

Gastão de Betencourt é o mais novo. Mas é tambem o mais triste. A sua mocidade, ensombrada por desilusões precoces, fala-nos do seu *Ermo* em reflexões amargas sôbre a Vida que olha de alto sem procurar penetrar muito dentro dela. Só nas sensações do Belo, ou do que como tal reputa, mergulha com avidez e verdadeira crença. Nem outra coisa são mesmo as cento e tantas paginas de *Do meu Ermo* mais que um longo extase, um permanente enlêvo em face da Beleza. O seu espirito reflexivo comprás-se em interrogar as coisas silenciosas e abstractas, de todas procurando extrair uma lição, e consegue, através da sua prosa embaladora, comunicar aos pequeninos factos da Vida, que a muitos passariam despercebidos, uma scentelha de interesse que os ilumina, que os ergue e valoriza a nossos olhos, criando-lhes uma vida sua, um ambiente proprio, um sentido mais amplo e mais perfeito.

Em Alfredo Pinto (Sacavem), pelo contrario, vibra uma expansão mais exuberante e comunicativa. Os seus *Castelos de Fantasia* se têm de vez em quando, aqui e ali, um descontentamento para qualquer facto menos agradavel que o autor observa, são na sua quasi generalidade uma rajada de alegria moça, um movimentado canto de louvor á natureza, ao encanto forte das paisagens, ás graças da mulher, ás cousas altas da Patria e, por vezes, um espirituoso comentario aos ridiculos da nossa sociedade moderna.

Não enfileira este livro na longa e martirisante teoria de exemplos de uma literatura destrambelhada, neurastenica, doente, sempre empenhada em descobrir terras morbidas em todos os sistemas de arte, que nos dias de hoje nos vêem a toda a hora atormentando. Não, o livro *Castelos de Fantasia* é uma latejante afirmação de vida forte, cheia de impulsos de admiração sádia por tudo o que pode prender a imaginação nas malhas de um encantamento, tão depressa atravessado pela faisca de uma ironia, como ferido pela palheta de ouro de uma ternura.

E assim, levando rapidamente até ao fim estes dois livros, eu sinto bem como duas *maneiras* tão diversas podem despertar no nosso espirito uma tão completa unidade de pensamento e de emoção. Pois se é certo que em ambos eles encontrei caracteristicos diversos, numa cousa os igualou a minha simpatia—o interesse que ambos tiveram para a minha sensibilidade de mulher.

Oliva Guerra

"A Dama das Camelias" em S. Carlos

Mais uma noite de vibrante entusiasmo e de enorme concorrencia vai ser a de hoje, em S. Carlos aonde a esplendida *Companhia Palmira Bastos* vai representar a peça de Dumas, filho, «A Dama das Camelias». A popularissima peça, cuja aparição é, sempre, saudada pelo publico, apresenta-se assim distribuida:

Margarida Gauthier, Palmira Bastos; *Nichette*, Maria Helena; *Prudencia*, Bemvinda d'Abreu; *Nanine*, Elisa Matos; *Olympia*, Carlota Sande; *Annais*, Lucinda Lopes; *Armando Duval*, Samwel Diniz; *Jorge Duval*, Henrique de Albuquerque; *Gastão de Rieux*, Alves da Costa; *Saint Gaudend*, Esmeraldo Matos; *Gustavo*, Octavio Bramão; *Conde de Ciray*, Humberto Miranda; *De Varville*, Joaquim Miranda; *O doutor*, Tarquinino Vieira; *Moço de recados*, José Figueiredo; *Um creado*, Figueiredo.

As lindissimas *toilettes* da artista *Palmira Bastos* foram confeccionadas nos *atelieres* de madame Josette Martin.

«A Dama das Camelias» que é uma peça de grande aparato, será exibida com todo o brilhantismo que exige e não se repetirá ámanhã, visto o teatro estar de ha muito cedido para essa noite.

PAIVA LERENO
ADVOGADO
R. do Ouro, 66, 2.º, Esq.—Telef. C. 1979

O EXERCITO PORTUGUÊS

CRUZ E MELO

CAPITAO DE ENGENHARIA

QUE COMBATEU OS ALEMAES EM AFRICA

foi condecorado com a Torre e Espada

Numa das ultimas ordens do exercito lia-se o seguinte:

«E' louvado e conjuntamente condecorado com o grau de oficial da Ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Merito, com palma, o capitão de engenharia Antonio Pinto da Cruz e Melo, já falecido—pela energia e valor patenteados no comando da guarda avançada da coluna do Massassi, e pela serenidade e pericia com que durante o combate de Kirvambo, em 8 de Novembro de 1916, dirigiu na linha de fogo as forças da mesma guarda, e ainda pela competencia tecnica revelada na organização defensiva da posição depois de repelido o inimigo».

Na sua sobriedade de prosa governamental e militar, estas poucas linhas, enquadrando dois nomes sonoros e uma data de gloria, teem o condão de invocar perante o nosso

Antonio Pinto da Cruz e Melo

espirito uma das mais formosas paginas—agua forte de bravura—da nossa participação naquela grande guerra, que tão fundo sulcro lavrou, com a sua aza tinta de sangue, na face da terra. E ao centro, muito altamente erguida e toda nimbada, a figura gentil do capitão de engenharia, Antonio Pinto da Cruz e Melo, franzina figura de rapaz, mas com nervos de aço, esbelta figura de moço, mas com coração de heroe... E fita-nos o seu olhar luminoso dotado de tão clara bondade e de tão serena inteligencia...

Vêmo-lo sob o ceu tropical, sob um azul de fogo, sob os grandes astros estranhos, á frente dos seus soldados, ardendo em febre, pisando o sertão, torturado pelo clima torrido, mas cumprindo sempre o dever, e colaborando activamente em novas estancias da epopeia portuguesa!...

Vêmo-lo nas margens empaludadas do Rovuma, dirigindo os trabalhos de engenharia necessarios á passagem—mais de 2000 metros cubicos de terra removidos, e excavações a pique, e a vitoria sobre a corrente profunda—e ele, o brioso oficial, o primeiro a atravessar o rio, á frente só de 16 homens, que *voluntariamente* o quizeram acompanhar!

Vêmo-lo no combate de Nangoma, onde morreu, ferido por três balas, o heroico major Leopoldo da Silva, e vêmo-lo, ao joven capitão Cruz e Melo, comandando duas magnificas, resplandecentes cargas de baioneta, á frente dos landins e dos macuas, que entoavam ritmados cantos de guerra! E as cargas tinham a alacre belesa do ritmo, ligada ao festivo *élan* do heroismo...

Vêmo-lo depois a caminho do Massassi, onde entrou na vanguarda dos seus bravos, emquanto os alemães fugiam de travar novo combate, e abandonavam sucessivas povoações! E nem a sede, nem a febre conseguiram cravar as garras naqueles corações...

Mas a coluna era diminuta, e a tactica alemã conseguiu-lhe um cêrco. Então deu-se o grande lance da epopeia. Oito dias de combate, ao cabo dos quais, ao aproximar-se a meia noite, quando o luar já baixava, se rompeu o cêrco. Comandantes e soldados, eram já então só esguias figuras esqueleticas, que a chama do valor iluminava de energia sobrehumana!

... Na grande cidade, tumultuaria e febril, passa a esta hora toda a imensa vida, num concertante vertiginoso de ruídos que se erguem, se alagam e se diluem, mas nós, olhos fitos no fulgor da *Torre e Espada*, com as suas simbolicas palmas, vemos evocadas todas estas scenas épicas, a que já se mantêm tão alheias essas baças turbas que passam!...

Mas o capitão Antonio Pinto da Cruz e Melo, dera no sertão longiquo á Patria, todo o viço da sua juventude limpida, toda a maravilha da sua alma forte. O sacrificio consumara-se. Já nada mais era preciso. Mais um canto de estancias de ouro estava acrescentada á nossa epopeia. E Cruz e Melo voltou á Patria.

Sobre nós pesava uma atmosfera pesada, e tudo se espumava em bruma!...

O moço heroi voltou presa da doença, que ele não queria reconhecer, que queria negar. Sempre desempenado e gentil, mas grandemente palido, muito magro, os olhos encovados. Minava-o uma febre constante, e a morte namorava-o sorrindo, encantado com o seu peito de bravo, onde reluzia a Cruz de Guerra!

Carinhosas mãos de mãe conseguiram leva-lo para um recanto dos Pirineus, a tentar o salvamento. Era um recanto escondido, onde muito esbatida chegava a distante voz do oceano e a luz vinda dos altos pincaros nevados. Ali morreu. A gloria da Patria colhera uma grande vida.

Deixou atraz de si um cortejo de bençãos, dos seus superiores, dos seus camaradas e dos seus soldados, nos quais sempre pensava, e que eram os primeiros a relembrar como a quando do seu regresso ao seu primeiro acto fôra levantar todos os castigos, perdoar todas as penas!...

... Poderá haver por aí muita apagada e vil tristesa, mas a Terra Portuguesa ainda tem viço e seiva para nela poderem florescer almas como a do capitão Antonio Pinto da Cruz e Melo.

P. de C.

'COMPANHIA DE MOAGEM "LISBONENSE'
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
FABRICA NOS OLIVAIS-LISBOA
Escritorio—Rua Terreiro do Trigo, 66, 1.º, Lisboa
CAPITAL ESC. 1:800:000$00

Elevação do capital social a Esc. 3:000:000$00 pela emissão de Esc. 1:200:000$00, em 12.000 acções, do valor nominal de Esc. 100$00, colocadas exclusivamente entre os Srs. Accionistas a Esc. 110$00, tendo cada accionista direito a 2 acções por cada 3 acções que possuir.

CONDIÇOES DE PAGAMENTO

1.ª prestação no acto da inscrição . . . . . Esc. 35$00
2.ª » até 28 de Maio proximo futuro . . . . . » 35$00
3.ª » » 28 » Junho » » . . . . . » 40$00

A emissão está garantida por um grupo de accionistas.
A inscrição está aberta de 16 de Abril até ao dia 28 do mesmo mês, no escritorio da Companhia.
Lisboa, 10 de Abril de 1924.
O Conselho de Administração e o Conselho Fiscal, *João Castanheira de Moura, Joaquim Antonio Pereira, Agostinho Rodrigues da Bela, Dr. Carlos Barbosa, Domingos Freire Teixeira Marques* e *Henrique Missa.*

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

Duplicadores com tipo "MILLOTYP"
Não gastam tinta stencil e dispensam maquina de escrever
Agentes exclusivos: OLIVER, LIMITADA
R. da PRATA, 250, 2.º Telefone N.º 3158

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Brigida de Leite Perry de Sousa Gomes Cabral de Castro Osorio de Alarcão, D. Arcelina Valente Moreira (Taboeira) e D. Caridade de Goyre O'Neill.

E os srs.

Dr. Francisco Velez Caldeira, José Luiz de Saldanha Oliveira e Sousa (Rio Maior), Arnaldo Pedrosa de Figueiredo, Domingos Heitor Gomes, Nuno Frederico de Brion e Augusto de Vasconcelos.

—Faz hoje anos a sr.ª D. Herminia Jardim Portela.

«Matinées» elegantes

No salão do teatro de S. Carlos realisa-se no domingo, ás 2 horas da tarde, uma «matinée» promovida pelo distinto professor de dança sr. Magalhães Pedroso, em que tomam parte alguns dos nossos mais distintos amadores. Haverá numeros de canto pelos alunos do professor sr. Artur Trindade. O sexteto será o do club «Maxim's. A festa terminará com baile.

Concurso Hipico Internacional

Realiza-se ámanhã a primeira prova no Hipodromo de Palhavã, do grande concurso hipico internacional que tantos amadores entusiastas conta em Lisboa. Pela assinatura se sabe que a concorrencia deve ser enorme e distintissima, o que demonstra o interesse que de ano para ano manifesta o nosso publico pelo explendido certamen.

Este ano, dois distintos oficiais espanhois, dos mais cotados cavaleiros do exercito espanhol vêm competir com os nossos «sportmens». Esta circunstancia avoluma naturalmente o interesse pelo concurso hipico internacional.

Pontos de reunião

No S. Luis

Assistencia elegante á festa artistica de Armando de Vasconcelos, que ontem se realizou neste teatro:

D. Berta Ortigão Ramos, D Laura Santana Galhardo, D. Helena de Melo e Costa da Camara, D. Palmira da Costa e Silva, D. Angelica Pavão Pereira Rosa, D. Alda Santos Fontes Pereira de Melo, D Margarida Mendes de Almeida Belo, D. Maria de Almeida da Mota Marques, D. Ludovina Roquete Soares de Albergaria Diniz, D. Madalena Firmo Cunha, D. Elvira de Macedo, D. Maria Bravo Ferreira, D. Emilia Gomes, D. Maria Fernanda Gomes Ferreira, D. Maria Julieta Costa e Silva Peres Ferreira, madame Macedo, D. Caridade Goyré, D. Maria Sofia Ferreira Pinto Machado (Santo Tirso), D. Lucia de Almeida, mesdemoiselles Castro.

Em viagem

Para França e Alemanha, onde vai seguir os cursos de aperfeiçoamento de doenças dos olhos dos ilustres professores Lapersonere, Ferrieu e Morex, em Paris, Lagranje em Bordeus e Hess em Munich, partiu ontem no «Sud-Express» a distincta medica oftalmologista sr.ª dr.ª D. Branca Rumina.

— Em vista de se encontrar bastante doente na sua casa de Pereira, o sr. dr. Antonio Couceiro Martins, partiu para ali com sua irmã a sr. D. Alice Barjona da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca), seu sobrinho o sr. Augusto Barjona de Freitas.

— Regressou hoje á sua casa no Rocio de Abrantes, o sr. dr. Manuel da Fonseca Ribeiro de Sousa.

— Parte hoje para Castelo de Vide o sr. Raul de Carvalho, oficial do ministerio das Finanças.

A estreia de hoje no Condes

duma comedia entre artistas do cinema

Decorre entre artistas do cinema, durante a filmagem de um *imponente* film historico, que lhe dá o titulo, a estreia da *Conquista das Galias* que hoje se realisa no Condes, onde tanto tem agradado o soberbo romance *A casa do misterio*. No seu 3.º episodio, em exibição, é digna de nota uma evasão de forçados, a sua curiosa perseguição a cavalo, de automovel e em comboio e a catastrofe ferroviaria que lhe serve de desfecho. Para breve estreia sensacional das aventuras do famoso cão *Piloto*.

Companhia Portuguesa de Pesca
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
Capital—Esc. 10.000.000$00
LISBOA

Em cumprimento dos artigos 20.º, 24.º e 25.º dos estatutos desta Companhia, tenho a honra de convidar os srs. acionistas, para no dia 30 de Abril corrente, pelas 15 horas, se dignarem comparecer na sua séde Rua 24 de Julho n.º 2, 1.º, nesta cidade de Lisboa, para, em assembleia geral ordinaria deliberarem sobre o balanço, relatorio da direcção e parecer do conselho fiscal, relativos ao exercicio findo em 31 de Dezembro de 1922.

No caso de não haver numero legal fica desde já convocada a assembleia para o dia 16 de Maio p. f. á mesma hora.

Lisboa 10 de Abril de 1923.

O Presidente da Assembleia Geral
(a) *Joaquim Germano de Sales*

Em cumprimento dos artigos 20.º, 24.º e 25.º dos estatutos desta Companhia, tenho a honra de convidar os srs. Acionistas, para no dia 30 de Abril corrente, pelas 16 horas, se dignarem comparecer na sua séde, Rua 24 de Julho n.º 2, 1.º, nesta cidade de Lisboa, para, em assembleia geral extraordinaria, deliberarem sobre uma proposta de aumento de capital.

No caso de não haver numero legal, fica desde já convocada a assembleia para o dia 16 de Maio p. f. á mesma hora.

Lisboa, 10 de Abril de 1923.

O presidente da Assembleia Geral
(a) *Joaquim Germano de Sales*

"VASPAEL"
GRANDE LICOR DE SOBREMEZA
DEPOSITO GERAL
70, 2.º—RUA AUGUSTA—70, 2.º
TELEF. C. 1196

"NOVELA SUCESSO"

A NOVELA "DIVINA"

de Artur Portela

TRANSCREVE-SE O PRIMEIRO CAPITULO

Tinham acendido o fogão.

Era um destes dias de inverno lodacento, nuvens quebradas, rostos friorentos passando sob as janelas, chuva a avivar o humus dos jardins e arvores como mastros desamparados, de cordagens golpeadas, açoitavam-se, quebravam-se...

Gabriela estendeu-se no sofá, friorenta, nua, dedos entrelaçados segurando a cabeça, em frente da chama do fogão que a lambia toda, pondo-lhe nos olhos scintilações de adaga polida. A sua carne adormecera, branca, mosqueada de oiro, com retoques de oiro no traço do externo, pequeninas limalhas fulvas nas axilas. O corpo seguia, abandonado, a curva mole do sofá.

Era uma mulher fina, nervosa, com acordes de coração, imprevistos e rapidos. Na agonia das suas dôres voluptuosas, quando claridades alvacentas lhe tolhiam as pupilas e a sua mascara cansada e a sua bôca acre, cruel, ardente, rompia num beijo, recolhia-se, fechava-se, receiosa de dar ao seu amor um encanto definitivo que a prendesse para sempre. Abalava assim das grandes alturas do amor, aonde a alma se refugiava, como se temesse que os sentidos abandonados a levassem *áquele* longe, infinito e grande, em que ele se dramatiza.

Ao fundo, no tapete, Mario fumava, cheio daquele grande desalento que se segue ás horas cansadas e exgotantes, venenosas e desvastadoras do amor...

Já varias vezes quizera desenhar, assim, abandonado, aquele corpo entornado no sofá longo e opalescente como uma magnólia, aquela cabeça de cabelos em espiras, arrecadas gitanas, rebeldes e negras, vegetais e crespas.

Tinha sempre uma hesitação ao lançar-lhe a bôca, no papel, uma bôca que se comovia mais que os olhos, inquieta e inconstante, já aceutuada de sombras, já transparente, onde a melancolia se projectava, como se projectam nas aguas virgens a sombra das azas.

Lá fóra chovia. O céu uma lagrima. A tristeza aconchegava os longes, sujava-os como scenarios velhos de companhia de *tournée*, fechára todas as janelas, amarelecera os muros, onde jardins presidiarios se comoviam numa hora intensa de cinzas — muros de hospitais, longinquos, tristes, humanos.

Naquele quarto pobre, de aluguel, um pouco arranjado á maneira de Mario, onde ela vinha todas ás tardes, alvoroçada, sequiosa, com um grande beijo á entrada, — o perfume das violetas pisadas que juncavam os moveis, enlanguescia, punha naquêle interior certa pontinha de febre, como a têm os quartos dos doentes.

Estavam ambos inquietos, receiosos. As almas eram sombras, liquifaziam-se; e todo o sol que o inverno exilara tinham-no eles agora na vida distante, amarga de relembrar mocidade e dias de luz em flôr, cantante e vitoriosa.

O *store* das nuvens descia vergiginoso; no céu havia frisos apocalipticos de monstros, aberrações fisicas, larvas, atlantes, a que a imaginação adivinhava contornos.

Em Mario e em Gabriela acordavam distancias, um pouco informes, sim, mas por isso mais belas pelo inexistente, em que a recordação subia e oscilava, prendendo-se no sonho.

Pensavam nos campos, sementeiras perdidas pelas chuvas; se duas almas, sob outro céu, outro continente, estariam tambem curvadas, sofrendo em silencio, uma comovida hora de amor. Nos pobres, pelos caminhos lama humana cheia de clarões, peregrinos de ideias distantes que a miseria, os farrapos e a dôr não matam... Tinham mesmo, nos olhos, certo quadro tragico que eles contemplaram, um dia, num grande museu frio e sem luz, onde uma procissão violenta de figuras despedaçadas e sinistas, parecia cantar *misereres* sangrentos, entre penedias, emquanto ao longe dois braços de uma escuna, afundando-se, levantavam para o ar seu humano sofrimento.

Tinham este cansaço, este mal de amar, pronuncio de convalescença espiritual, quando a alma reage sobre os sentidos gastos. Queriam ser humildes, pobresinhos, vivendo no peito das montanhas como a giesta, esperando, como ela o renovo da primavera que lhe sagrará a flôr de oiro.

Gabriela escondeu o rosto. A linha nua do dorso, côncava e fina, a parábola farta da anca, as pernas abandonadas; corpo de estatua adormecido, em que a volupia morrera e restára marmore, com bagas de oiro na epiderme, despertáva nele, agora, apenas o interesse que tem o artista em frente do modelo.

Gabriela fôra amada, anos de romance que ela deixava criar e que ele deixava morrer. A vida de um homem era para ela um tapete em que seus pés curtos dançassem, loucamento um instante. Arrancava-lhes as grandes verdades, a honra, a ambição; esvasiava-os, lambia-lhes o espirito. Punha-os em frente do espelho real da vida, sem esses principios coloridos, que são na mulher o embelezamento forçado a carmim a nanquim.

Eram hediondos então, como velhos palhaços á volta da pista, escorridos de tintas, ignobeis de devassidões, com rugas e cicatrizes...

Tinha um «tic» raro. Gostava de morder devarinho, sentir na boca a linfa quente, amarga dos corpos como a seiva das leitugas.

A chama do fogão salpicava de sangue os pratos arabes; tornava mais angustiante e mais longo o perfume das violetas; esbraziava os olhos de Gabriela, íris de rubis, seios vermelhos, duros, hirtos, sanguinolentos—orgãos reconditos de virgem.

* *

Sentia que a ultima palavra daquele amôr, mais banal, porque ele era um romantico, um delicado, truncado de «ficelles» psicologicas, não tardaria em ser pronunciada.

Iam viver agora, lado a lado, hostis; explicações, interrogatorios longos e crueis, buscas no seu passado, aquele passado que vivia lodacento e impuro no fundo dos seus olhos, mas limpido, á superficie, sem uma mácula, como as águas virgens sob a luz.

Tinham, até ali, vivido ao sol, no sol, com rosas por todos os caminho, bejos longos por palavras breves...

Dois inimigos presos da carne, lutando.

Ele mesmo que lhe negasse o poder, sentia-a vitoriosa, ardente, divina, fecunda de novas graças. Aquele sangue que ela lhe transmitira nos beijos, nas posses tentaculares, nas caricias frementes, refervia-lhe no corpo como em virus letal ou como um môsto de vinho puro, que fuméga ainda.

Ele, era Gabriela. Queria-a porque a tinha tido. Era o homem afirmando o prestigio da força, mesmo a ansia de vencer quem até aí o tinha vencido.

Do fundo da sala, envolvida pela chama onde ela via a cabeça sangrenta de Iokanan, Gabriela chamou-o:

—Mario!

Tornou-o a chamar.

No silencio ouviu-se a chuva, repuxo de cinzas que envolvia a paisagem numa clamide lunar. Muito rapido, na vertigem, um automovel passou. Pelo rectangulo da janela, arvores, casas, tufos de jardim e muros tristes, envolviam-se na penumbra liquifeita daquele dia feito de lagrimas.

A cabeça fresca da mulher ergue-se. Dispertou os musculos num espreguiçamento lento, estendeu os braços como uma deusa pagã que fosse colher frutos. Dos pulsos, as pulseiras que ele lhe dera, como tributos e algemas de ouro, cairam.

A carne nua, toda nua, opulenta, mosqueada de ouro, sensual, de peito erguido, pubis forte, pedaços gregos de estatuaria, pinceladas sangrentas nos seios, boquitas leves de crianças ainda por maturar—despertara aquecida no banho luminoso da chama.

Era divina e louca, prometedora e eterna. Filbrilhas fulvas raiaram-lhe nos olhos; na pele havia estremecimentos dolorosos que lhe distendiam os musculos. Uma vaga inteira de luxuria agitou-a, quebrou-a, torceu-a, lambeu-a toda. Sorriu. O seu sorriso ficou suspenso no espelho. A lamina reflectia aquela chama rosada, carne em festa, gloriosa e fecunda de paixão, onde ela encostava penugens de aves, rolas famintas de debicar, sedas leves...

E assim, divina, Venus que acordasse na sombra dos loureiros á primeira hora do sol, brazas vivas sobre a epiderme, transfigurada, altissima, nua, toda nua, carne a cantar a volupia eminente, orgãos a abrirem-se rubros e incandescentes, boca em ferida, cabeça pesada de extase — caminhou para o amante, tirou-lhe o cigarro dos labios e bebeu-lhe a boca até ele fechar os olhos, dolorosamente...

.....

UM ACONTECIMENTO NO ROCIO

O PASSADO E O PRESENTE DE "O PASSO"

Era costume, a procissão do Senhor dos Passos, parar, no Rocio, frente a uma capela quasi incrustada na parede ocidental da bela praça — que naqueles dias aparecia exuberante de luzes. Era uma tradição que um dia terminou. Rolaram os anos e essa capela não tornou a abrir. Muita gente esquecida ou ignorando o passado preguntava por que razão aquela porta se mantinha ali, fechada, nesse lugar tão propicio ao comercio e de tão intensa vida citadina.

Ha poucos meses, a porta de *O Passo* apareceu cercada por um tapume. Houve logo um movimento de curiosidade nos habituais do Rocio. O que seria? O que iriam fazer daquele local?

O misterio acaba de ser esclarecido. O tapume foi retirado e surgiu então aos olhos dos intrigados, a frontaria elegantissima de um novo estabelecimento. Encimando uma porta, em caracteres doirados havia o nome que a tradição ditava: *O Passo*...

O jornalista sempre atento á curiosidade do publico teve de se informar e agora pode declarar ao publico que o novo estabelecimento se dedicará ao negocio de leitaria e confeitaria.

O Passo, cuja inauguração se efectua ámanhã, não pretende só criar aos seus futuros clientes um ambiente agradavel, apresentando-se com uma construção elegante, moderna, original. Planeia, antes de mais nada, manter um serviço modelar na sua especialidade, fornecendo os seus generos de leitaria e confeitaria com um escrupulo absoluto, bem instalada, elegante, com um ambiente intimo e confortavel, centrica, em pleno Rocio, ao lado mesmo do Brasileira, tudo indica que terá um exito lisongeiro e que, rapidamente, conquistará uma clientela não só masculina, como tambem de senhoras, cuja entrada nos cafés é contraria aos nossos costumes e que, num estabelecimento *chic* como *O Passo* se encontrarão á vontade.

Nacional Tel. N. 3048 Ás 21,30 horas
O mais belo espectaculo de Lisboa
Frei Luiz de Sousa
A obra prima de Garrett
FOI ADIADA para o dia 1 de maio a 1.ª representação da peça **Farça do Ciume**, de Afonso Gayo.

TEATRO AVENIDA
— COMPANHIA AURA ABRANCHES —
Ultima representação
A MARQUESINHA
Brilhante desempenho
de Aura Abranches, Adelina Abranches,
Alexandre de Azevedo e Sacramento
A seguir: — SULIVAN (o Comediante), peça inglesa.

COLISEU DOS RECREIOS
HOJE — ás 21 (9 da noite)
RECITA EXTRAORDINARIA
1.ª e unica representação da celebre opera
Rigoletto
Amanhã — 6.ª recita par de assinatura
Primeira representação da inspirada opera do maestro Massenet
MANON
MUSICA LINDISSIMA

QUERE CEIAR BEM?
VÁ AO RESTAURANT
VALMOR
aberto toda a noite
NAO SE ESQUEÇA, HEIN

EDEN-TEATRO
2 espectaculos — A's 8 1/2 e 10 1/2
com a revista de grande exito
De Capote e Lenço
O celebre quadro da ESQUADRA
Rir a perder 2 horas de franca gargalhada
PREÇOS: Camarotes, 20$00; frisas 15$00; fauteuils, 4$50; balcão, 5$00; promenoir, 1$200.

Artigos alemães
Ferragens — Cutelarias — Quinquilharias
CUNHA LIMITADA
Rua dos Fanqueiros, 30, 2.º

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO 74

TEATRO SÃO LUIZ
HOJE RECITA DA MODA
A opereta de incontestavel exito
A PRIMA INGLESA
AUZENDA DE OLIVEIRA na protagonista
Segunda-feira, 30 — Festa artistica do tenor Sales Ribeiro.
Quarta-feira, 2 — Festa artistica de Sofia Santos.

POLITEAMA
EMPRESA LUÍS PEREIRA TELEFONE 3028 N.
COMPANHIA DA COMEDIA FRANCEZA
1.ª recita de assinatura
LA DAME AUX CAMELIAS
interpretada por M.elle CECILE SOREL, srs. ALBERTO LAMBERT, LUIZ RAVET e todos os restantes elementos da companhia
A'manhã 2.ª de assinatura
L'AVENTURIÉRE

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — A Cidade — CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Sombras

A sombra é a graça misteriosa, a fisionomia, a alma das coisas inanimadas, é bronze no oiro do sol.

E' triste, porque sonha. E' longa, porque se ajoelha. E' sombria, porque pensa.

A sombra de uma arvore, que nós pisamos indiferentes, é a grandeza herculea das suas ramagens, do seu fuste, das suas mãos, folhas lancioladas, ajoelhadas, orando humildemente no coração das flores pequeninas!

A sombra de uma tanagra, na nossa mesa de trabalho, é a ancia constante do corpo real querendo vencer o espaço.

A sombra, é a mascara do misterio, é a aza que corre sobre as nossas cabeças, é o sonho que anda á roda das almas, aconchegando, enternecendo a materia. A sombra dum claustro, duma catedral, duma igreja, são seculos de oração a Deus. A sombra resa sempre, é mais profunda que as almas humanas; mais simples que o coração das creanças, mais vaga que o perfurme das flores. E' a vida perpetua das coisas abandonadas, a roupagem das estatuas, o que não se esquece junto do esquecido.

A sombra é a luz dos abandonados, dos moribundos, das mulheres que amam, chorando, atmosfera sagrada e consoladora que ninguem rompe, nem nimguem compra, nem ninguem mata.

Os cadaveres andam nas sombras dos cemiterios. Deus anda na sombra do crepusculo; a vida é a terra prometida da ilusão, universos de lagrimas que os olhos fitam e as mãos não alcançam...

Artur Portela

Miranda & Filhos
Joalheiros
PORTO 176-R. 31 de Janeiro-178 LISBOA 80-Rua Garrett-82

O caso da burla na Federação dos Sindicatos Agricolas do Centro

O sr. Jorge Botelho Moniz, antigo director do serviço de subsistencia no tempo do dr. Sidonio Pais, e que ainda hoje mantem o seu nome cheio de simpatia no espirito popular, é hoje o director gerente da Federação dos Sindicatos Agricolas do Centro, onde o seu nome honrado e bemquisto é uma garantia.

Neste Sindicato foi cometida uma burla pelo antigo director gerente, sr. Barbosa, e pelo fornecedor Amorim. O *Diario de Lisboa*, que se ocupou ha dias deste assunto, recolhe hoje as declarações do sr. Jorge Botelho Moniz, cujo caracter neste assunto, saiu perfeitamente enobrecido, pela sua atitude perante os acusados.

Diz em resumo o sr, Botelho Moniz:

—Não tenho querido referir-me a este assunto, por que me custa atacar pessoa caida em desgraça, como o meu antecessor sr. Barbosa, e o Eugenio Amorim, cujo mau nome o não recomendam. Mas o mau silencio generoso não pode ir até o ponto de deixar passar inexactidões. O certo é que neste caso não houve só burla, mas houve falsificação tambem. O Conselho Administrativo da Federação, por generosidade, encobriu tudo, até certo ponto, a fim de evitar escandalo, mas a policia poz as cousas em pratos limpos, e agora temos de manter a verdade, para não se confundirem os papeis. O caso desdobra-se em duas partes. Pela primeira se apurou, na confissão do Amorim, que este recebera importancias de pagamentos no valor de 17 contos e tal, que primitivamente encobrira, por terem desaparecido os recibos. E' um caso antigo e independente deste que se descobriu agora, e em que, sem sofisma possivel, se apura uma outra burla de cerca de 20 contos. Ainda quanto ao Amorim, ha um ano quando tomei conta do meu logar o seu debito para com a Federação andava á roda de 100 contos!

O que posso afirmar, para não entrar em detalhes, é que a burla do Amorim está provadissima, e que a acção do sr. Barbosa é tal que só a policia agora a pode resolver. A sua gerencia na Federação foi um desastre. Com o caso Amorim em relação á Federação houve de tudo: Falta de entregas, abonos ilegais de dinheiro, omissões de lançamento, e sei lá o quê, incluindo falsificações, rasuras, e outras porcarias. Ora isto é que é verdade.

Quero ainda desmentir a afirmação feita de que eu pedi ao sr. Barbosa para mandar prender o Amorim. Não é verdade. Foi ele quem me solicitou por mais de uma vez e insistentemente que não apresentasse a queixa na policia contra os dois, sem o avisar, a fim de ele se poder queixar, primeiro, de que o Amorim o burlára a ele, como director gerente.

O TEATRO

Cécile Sorel

está em Lisboa

As mulheres que interpreta

e a paixão dentro do teatro

Todas as grandes artistas do mundo devem ser religiosas

A sua boca é deliciosamente vermelha; o seu cabelo é excessivamente louro, com bucles ardentes a morder-lhe a pele clara; toda ela é perigosamente mulher no seu artificio, na sua beleza, na sua voz.

E' alta, rima as palavras com os gestos. Esquece-se do seu colar de pesadas perolas, na garganta descoberta; mão seca, dum triunfo caído, por onde se conhecem as mulheres cansadas de renascer; olhar claro que vibra insolente e perigoso, detraz da meia mascarilha do veu. Faz subir a garganta, pedunculo maravilhoso onde desabrocha a flôr gamo-

Cécile Sorel

petala da palavra. Pinta as suas emoções, a conversar, como no teatro. Sem uma atitude, porque o espaço as não permite, ao nosso primeiro desafio, responde naturalmente:

—Tanto na comedia, como no drama, pode-se fazer arte...

—E com todas as figuras...

—Com todas! As que eu amo são aquelas que nascem na lama, e se levantam, erguem, ascencionam...

— Toda a elevação da paixão...

— Toda! A *Dama das Camelias* tem todos os sentimentos, todas as dores. Nos seus quatro actos, ha quatro mulheres.

— A *Dama das Camelias* é a sua peça!

— E'.

— Só ela?

— Todas as que venho representar. Trago todo o teatro: moderno e classico... Sou pelas mulheres que amam, como Maria Madalena, apaixonada, exausta, vibrante...

— E' religiosa...

— Entendo que todas as grandes artistas o devem ser. Sem a fé não ha paixão, mesmo a paixão é a fé.

Cécile Sorel fala com rapidez. Presente-se nesta mulher uma rara cultura; uma ansia enorme de projectar a sua alma na beleza e na poesia.

Diz:

—Deve-se dar ao publico o nosso coração para que ele nos dê o seu. Quanto maior for a minha emoção, maior será a dele.

—D'Annunzio tem uma peça destinada á sua interpretação.

—Tem!

—O titulo...

—Oh! não sei!... E' uma peça moderna, onde ha uma grande mulher, superior de emoções, vibrante de dores...

—E' tudo... Conte-nos alguma coisa do poeta!

—Encontrei-o com toda a beleza do seu talento... numa linda casa, na Gardone... Um maravilhoso palacio, com colunas esculpidas, onde canta a historia de Italia... Alguns dos seus voluntarios acompanharam-no...

Com uma voz cheia de intenção diz:

—Num dos três dias que estive na Gardone fui ao seu jardim... Sabe o que encontrei? Não pode adivinhar, não! Os seus voluntarios que moram ao lado cravaram no jardim do poeta uma ancora e a corda estende-se, forte e grossa como uma bela cadeia de ouro, por cima das rosas... até á casa dos legionarios de Fiume.

Depois desta bela recordação, nitida e precisa, no seu olhar, inquirimos:

—O maior dramaturgo...

Hesita.

—Dos vivos ou dos mortos...

—Dos vivos.

—Uma pregunta embaraçosa.

Volta-se para a esquerda e pregunta:

—O que dizem, vocês?

Bataille—circula. Não se sente satisfeita e de novo pregunta:

—O maior dramaturgo francês?

Mas não, Bataille, não lhe agrada. Para nós:

—Todos os nossos autores são bons, mas podiam ser melhores.

—A sua peça de hoje...

—Vai ver uma *Dame aux Camelias* diferente de todas as outras...

—Sua!

— No primeiro acto a *Dama das Camelias* deve ser *cocotte*, absolutamente *cocotte*. Depois, em crescendo, mulher, amante, apaixonada, purificando-se por fim no amor a renuncia.

Tem um elogio velado para a sua companhia. O manequim da França, a rainha dos vestidos, está simplesmente posta. *Tailleur* largo, atado sobre o peito por duas fitas de fazenda.

— Sabe que venho sob o patronato oficial das Belas Artes...

— E' então a embaixatriz do teatro francês. O que pretende vincar no teatro...

— A situação!

— Só...

— E a expressão fisionomica.

Falou a actriz fóra do teatro. O que vai dizer a mulher, em scena?

Curso teologico-juridico de 1902-3

Em reunião dos condiscipulos que se encontram em Lisboa, foi resolvido comemorar o vigesimo ano de formatura com um jantar em Coimbra, no proximo dia 5 de maio.

As adesões devem ser dirigidas: em Lisboa para o dr. Antonio Sarmento Brandão e em Coimbra para o dr. Manuel do Nascimento Veiga.

A pesca nas aguas territoriais

O sr. ministro da Marinha recebeu um telegrama em que os proprietarios das armações de pesca de Cezimbra pedem urgentes providencias contra o exercicio da pesca por cêrcos americanos, na zona reservada ás armações. Dizem que da continuação de tal abuso resultará a ruina dos habitantes daquela vila.

A TRADIÇÃO

AS ESPERAS

DE TOUROS

vão reviver novamente

com os antigos descantes e guitarradas

De todas as festas portuguesas, a que mais tradição tem, a que o povo mais adora, pelo que tem de alegria, de audacia e de elegancia, é a tourada. Nenhuma outra festa desperta nele tanto entusiasmo, nenhuma o faz delirar, perder a cabeça, enrouquecer a garganta e moer os braços das palmas.

Mas a tourada tem um ritual que não pode alterar-se sem a prejudicar, sem lhe roubar o brilho. E um dos seus aspectos mais pitorescos, uma das coisas que mais interessavam a «aficion» era a espera do gado.

No tempo da antiga praça do Campo de Santana, a festa era rija. Preparavam-se os farneis. E por volta da meia noite, os que não tinham dinheiro para a trenzada e não estavam para ir a pé até ao Campo Grande, entravam na praça e para ali estavam até vir o gado, uns a comer os seus petiscos, outros cantando ao luar com guitarradas.

E entretanto, pelos tascos dos arredores do Campo Grande ia uma alegria, com mulheres cantando e rindo e a «aficion» enchendo-se de entusiasmo e de vinho.

* * *

Perto da meia-noite, o gado passava pela Povoa de Santo Adrião, ao fundo da calçada de Carriche. Vinha correndo entre as «chocas» e as varas dos lavradores e dos campiños.

Quando chegavam ao Campo Grande, havia uma paragem, á beira dagua, onde a sede dos cornupetos se saciava.

E, então, organisava-se o ruidoso cortejo. Atraz do gado, misturados com os campinos iam muitos dos nossos melhores cavaleiros, fidalgos «aficionados» que davam o melhor da sua vida por estas pandegas ao luar.

Os touros vinham pela ala esquerda do Campo. Pela direita, os trens lançavam-se num galope desenfreado até á praça para verem a entrada do gado.

No Campo de Santana, havia então confraternisação entre os que chegavam e os que já iam no fim dos farneis. Começava a embolação. E novos descantes e novas guitarradas e novos risos de mulheres...

* * *

Demolida a praça do Campo de Santana e construida a do Campo Pequeno, aindaa espera do gado, continuou a fazer-se com parte do brilhantismo antigo. Poucos anos depois, cortou-se, porém, a tradição. Mas, como é dificil destruir um costume, a *aficion* continuou a fazer a sua espera ao gado bravo que ás sextas-feiras vinha para o Matadouro, a ser abatido.

* * *

Na proxima segunda-feira, em pleno dia — ás 5 horas da tarde —, vai reviver essa tradicional diversão.

Os touros destinados á corrida de 3 de Maio, promovida pelos Padrões de Guerra, vão ser esperados na Povoa de Santo Adrião por tudo quanto em Lisboa se interessa por touradas.

A' cabeça do gado virá o lavrador de Vila Franca sr. Julio dos Santos e a seguil-o inumeros cavaleiros e aficionados, em trens e automoveis.

Preparam-se descantes e guitarradas e festas rijas pelos tascos proximos.

Vai ser uma tarde de alegria, constando que, se não se derem desastres graves, continuará a realizar-se sempre a espera do gado.

PARA A PELLE

os mais afamados sabonetes medicinaes são os já muito conhecidos

AGUAS DE S. VICENTE

(Entre-os-Rios)

á venda em todas as boas pharmacias, drogarias e perfumarias.

Pedidos ao depositario, em Lisboa, Silva & Espirito Santo, L.da, da Praça de S. Paulo, 7, 1.º—Tel. 3711 Central.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

AS LETRAS

A ACADEMIA E O POETA Teixeira de Pascoais

O que nos diz o autor das "Sombras"

Teixeira de Pascoais, que os fados, os misteriosos fados que puxam os cordelinhos da vida, trouxeram á Academia, deixou, por uns dias, o seu belo retiro do Marão, e assistiu ontem, absolutamente nada academico, a uma sessão academica.

Dos maiores poetas da nossa terra, aquele cuja inspiração consegue comunicar o mais directamente possivel com as cousas, alma feita de sombras de arvores e de montanhas, sensibilidade agudissima atingindo, por vezes, vôos altissimos, mais conhecido em Espanha que em Portugal, Teixeira de Pascoais é, na intimidade, o que consegue ser nos seus livros: uma alma que se entrega sinceramente, sem o minimo artificio, despresando o superficial, o grosseiro do mundo objectivo — todo entregue á essencia humana e divina do seu sonho de eternidade—feito de Deus e Satan.

Tem uma fraqueza humana — fraqueza que pertence a todos os homens que escrevem: o vicio do café. E foi a uma mesa de café, efectivamente, que esta pequena conversa decorreu:

— A sua entrada na Academia vem modificar, de alguns modo, a sua estrutura poetica?

— Creio que não. E' um detalhe sem interesse na minha vida. De mais, já não faço versos.

— Já não faz versos...

— Tenho medo de me repetir...

— Mas prepara, pelo menos, obras em prosa? Têm vindo anunciadas...

— Sim, uma publicação mensal, em fasciculos, de que já saiu o primeiro numero: *A nossa Fome.*

— Mais?...

E o poeta, cuja lira tem tambem o seu acento satirico:

— A minha biografia e a de um gerico. Entretanto...

— Uma viagem a Madrid...

— E' certo. Vou falar aos hespanhois de *D. Quixote e a Saudade.*

— A alma peninsular...

— Absolutamente. A agua forte de Castela e o sentimento idilico português.

— Quando tenciona partir?

— Amanhã já. Vou escrever a conferencia...

— Que será feita em Madrid, quando?

— A 12 do mês que vem. Como vê, já tenho pouco tempo...

Mario Beirão, que está comnosco e que é, tambem, um admiravel poeta, diz-lhe:

— Parta v. no domingo. Um dia a mais...

E o poeta das *Sombras* num sorriso:

— O peor é o *Rossinante,* a tropeçar no meu cerebro!

Aqui está, rapidamente focada, a sombra do grande Poeta—tão grande que dispensava o agasalho solene da Academia!

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Londres, cheques	2 9|32	2 1|4
» 90 dias	—	—
Paris	1$530	1$560
Berlim	3,4	1
Holanda	8$870	8$990
Madrid	3$470	3$630
Bruxelas	1$330	1$350
Roma	1$120	1$135
Suiça	4$130	4$190
Suecia	—	—
Noruega	—	—
Dinamarca	—	—
Nova-York	22$700	23$010
Brasil	—	—
Rio Londres	5 9|16	—
Libra esterlina	106$000	109$000
Agio do ouro	2$300	2$400

O melhor café é o d'A Brazileira

Vende-se na Rua 1.º de Dezembro, 78 e A Garrett (ao Chiado) n.º 120.

Dôces e mais produtos do Brazil

TRAGEDIA!

Uma morte em pleno mar

Uma senhora portuguesa é arrebatada pelo Oceano

Duas criancinhas entregues aos carinhos de Dorziat e de Chaby

Chaby Pinheiro conversava, no *deck* do *Lutetia*, com a loira Dorziat, á sua chegada ao Rio, quando um jornalista interrogou:

—E a viagem...

—Ah! a viagem! Uma verdadeira lua de mel de artistas... Não pode calcular como foi cheia de notas interessantes a travessia de Lisboa ao Rio... Por alturas da Madeira começaram as festas...

E Chaby Pinheiro conta:

—Foi uma vida encantadora, entre musicas, sorrisos, flôres, comedias, danças, recitações, um nunca acabar de distrações até ao porto de Vitoria, no Espirito Santo.

Gabrielle Dorziat sorria, passando pelo *écran* da memoria o *film* delicioso da viagem. Como era bom viver sempre assim, fazendo arte pela arte, sem preocupações, sem criticos, sem as contas da modista, navegando sobre um mar de rosas, a 20 milhas á hora, com todo o requintado conforto dos melhores hoteis de Paris!

Mas, de subito, pelo azul dos seus olhos passou um veu de tristeza.

—Ah! sabe? Um caso triste...

—O que foi? O que foi?

E contou, na sua voz terna, cheia de emoção e de inflexões dramaticas, crispados ainda os nervos pela impressão dolorosa do acontecimento:

— Na altura das Canarias, quando a manhã vinha nascendo, cheia de sol e de alegria, duas criancinhas choravam encostadas á amurada do navio: «Mamã! mamã!».

E o jornalista tem diante dos olhos a visão tragica do desastre:

O calor era muito. Nos compartimentos de 3.ª classe, entre pilhas de malas e roupas em desalinho, era impossivel dormir. Maria de Jesus (soubemos hoje o nome, por uma informação amavel da agencia) que ía para Santos, com duas filhinhas, ao encontro do marido, saiu para o tombadilho. Ali, ao menos, sempre se respirava um pouco de ar lavado. Havia outros passageiros, por aqui, por ali, dormindo de papo para o ar sobre as longas cadeiras de bordo. São tão compridas as noites em 3.ª classe!

Encostou-se á amurada, a vêr a noite e o mar, borrão de tinta negra que se perde muito longe, num ponto que para ela terminava em Santos, onde o marido a esperava, depois de uma longa ausencia. As criancinhas dormiam. E ela ficou-se ali, presa da sedução que o mar exerce sobre as almas sentimentais, acariciando com o olhar a onda que vinha quebrar-se de encontro ao costado.

O mar das Canarias é traiçoeiro. Veiu uma onda mais alta, que lambeu o tombadilho, arrastando-a na voragem.

De manhã, quando o sol entrou a doirar os mastros do navio, daquela tragedia silenciosa restavam apenas duas crianças e um chôro brando: «Mamã! Mamã!» E as lagrimas caíam para o mar, que é feito de biliões e triliões de lagrimas de todos os naufragios, de todas as tragedias, de todas as glorias, de todos os triunfos.

Veiu o oficial de serviço. Do alto do *deck* debruçaram-se para o tombadilho cabelos loiros e olhos axuis, das loiras artistas francesas que seguiam a bordo. O navio esteve duas horas parado. Inutil. O mar guardava para sempre o corpo daquela Maria de Jesus, como uma criança guarda um brinquedo que dorme com ela na mesma cama.

E as duas criancinhas, uma de 9 anos, Anunciação, e outra de 7, Isaura, sem compreender ainda porque razão o mar lhes roubára a mãe, choravam: «Mamã! Mamã!»

Chaby Pinheiro, coadjuvado na sua piedosa intenção por Gabrielle Dorziat, organisou uma *quête.* As duas orfãs pequeninas tiveram bôlos e flôres e beijos e dedos que acariciavam os seus anseisos doirados, mas nem os bôlos, nem as flôres, nem os beijos lhes pareceram tão dôces como uma simples caricia de sua mãe.

Conferencia politica

O chefe do governo chamou hoje a uma conferencia, que se efectuou no seu gabinete, os ministros que se encontram actualmente em Lisboa.

Processo militar

Foi instaurado processo ao 1.º tenente sr. Mesquita Guimarães, por ter agredido o capitão-tenente engenheiro-maquinista sr. Alberto de Carvalho.

COMMERCIO DE CAMBIOS

AO PUBLICO

A firma RAUL P. SANTOS, de Setubal, tendo sido surpreendida pela Portaria publicada no *Diario do Governo* de 26 do corrente, em que o Ex.mo Ministro das Finanças lhe aplica a pena de prohibição do exercicio do commercio de compra e venda de cambiaes, sob acusação de ter realizado operações de caracter especulativo prejudiciaes á economia nacional, **além de outras irregularidades,** entende do seu dever tornar publico o seguinte:

1.º — Que a prohibição determinada pela Portaria em questão não podia ter outro intuito que não fôsse vexá-la inutilmente, porquanto já em 14 do corrente a mesma firma tinha requerido a dispensa da autorisação que para tal commercio lhe fôra concedida, requerimento que lhe foi deferido, conforme consta do oficio da Inspecção de Cambios, N.º 180, Livro n.º I, Fls. 135, Proc. 861, datado do mesmo dia.

2.º — Que o intuito de vexame mais se acentua e confirma pela forma vaga com que na Portaria se argue a firma de ter cometido irregularidades varias, que se não determinam, como seria indispensavel num documento oficial de tal natureza.

3.º — Que como provará, perante as instancias competentes, é falsa a arguição que lhe é imputada, pois que jamais praticou quaesquer irregularidades ou operações de caracter especulativo prejudiciaes á economia nacional.

Setubal, 27 de Abril de 1923.

RAUL P. SANTOS

Pelos teatros

«De capote e lenço»

No Eden-Teatro subiu ante-ontem á scena, em «reprise», a revista «De capote e lenço», já consagrada pelas principais plateias de Portugal e do Brasil. O publico recebeu com a excelente disposição que todas as boas recordações proporcionam o espirituoso trabalho da parceria Rodrigues, Bastos, Bermudes.

A empreza montou a peça com carinho e sem se preocupar com despezas. Quanto ao desempenho é justo salientar o trabalho brilhante da formosa actriz Laura Costa e o de Zulmira Miranda, que com a sua voz graciosa encantou o publico, principalmente na já celebre «canção da Margarida». Referencias elogiosas merecem tambem Rosalina Sayal e Maria Izabel, graciosissimas nos seus papeis.

Manuel dos Santos Carvalho arcou com a responsabilidade iremenda do desempenho do «Cabo Elisio», creado por Joaquim Costa. Sem imitar este querido artista, realizou um «tipo» interessantissimo, mantendo o publico em permanente hilariedade. Alegrim, Roldão, Fernando Pereira, Armando Machado com grande quota no exito obtido pela «reprise» do «Capote e lenço»,

Aurelio Ribeiro, interpretou o «compére» o «Pateta Alegre», com talento e equilibrio muito apreciaveis demonstrando que se pode ser actor sem recorrer a exageros que todos os espectadores inteligentes condenam,

«Farça do ciume»

No Nacional efectua-se na proxima terça-feira, 1 de maio, a 7.ª recita de assinatura com a primeira representação da comedia em três actos «Farça do ciume», original do ilustre homem de teatro sr. Afonso Gaio, que, apesar de muito «representado», é a primeira vez que aborda o genero alegre, tendo, ao que nos informam, feito uma peça simples, de processos simples, cheia de movimento. «Farça do ciume», que está sendo ensaiada pelo professor Augusto de Lacerda, tem vinte e duas figuras as primeiras das quais interpretadas por Palmira Torres, Laura Hirsch, Joaquim Costa, Rafael Marques, Luiz Pinto, Clemente Pinto, Ana de Oliveira, João Lopes, Joaquim de Oliveira e João Calazans. Os scenarios são de Campos & Oliveira e o guarda-roupa do «costumier» Castelo Branco.

Chaby e Amarante

A companhia Chaby Pinheiro-Cremilda de Oliveira, que fez a viagem para o Brasil a bordo do «Lutetia», com as companhias de Dorziat e do «Bat-clan», tendo chegado ao Rio de Janeiro no dia 31 de março ultimo, estreou-se no Palace-Teatro, na noite do mesmo dia. Entrevistado pelo «Paiz», Chaby disse coisas curiosas ácerca da sua temporada ultima no Porto e em Lisboa. A recita de estreia da companhia Chaby-Cremilda realizou-se com a peça «Cama, mesa e roupa lavada», de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, que nessa noite, por sinal de chuva torrencial, tinham em três teatros do Rio peças suas em scena. A peça agradou extraordinariamente e a companhia foi recebida com grandes demonstrações de simpatia.

Tambem na mesma noite, vinda do sul do Brasil, reappareceu no Lirico, do Rio de Janeiro, com uma casa «á cunha», a companhia Satanela-Amarante. Representou-se a opereta «Miss Diabo», com geral agrado do publico e por entre aplausos geraes, como se estivesse nas suas primeiras noites.

Atrás do reposteiro

Partiu hoje para Coimbra, onde vai fazer uma serie de espectaculos, a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro.

—O actor-societario do Nacional, Augusto de Melo, realiza a sua festa artistica brevemente com as representações, unicas, das peças «Os velhos», de D. João da Camara e «A condessa Heloisa», de Gervasio Lobato.

—A peça «A marquesinha», do dr. Sousa Costa, representa-se pela ultima vez, no Avenida, na proxima segunda feira, em festa oferecida ao seu autor, que parte no dia imediato para o Brasil.

—Estreia-se hoje, na Figueira da Foz, a companhia Nascimento Fernandes, que demora naquela cidade até ao dia 2 de Maio, representando as peças «A pequena do Marques», «Boa Estrela», «O arroz doce» e «O Morto Vivo».

—Realizou-se ontem, no Sá da Bandeira, do Porto, a festa artistica do actor Erico Braga com a peça «Magda». O exito foi brilhantissimo, Lucilia Simões e o festejado foram muito ovacionados e a lotação do teatro esgotou-se totalmente.

—O teatro Maria Vitoria, deve reabrir as suas portas no proximo mês de Junho, explorado pelo empresario Antonio Macedo, de sociedade com três revisteiros muitos aplaudidos.

—Esteve hoje na nossa redacção, apresentando os seus cumprimentos, e o de todos os artistas, o director da companhia Sorel Lambert, sr. Berny.

POLITEAMA HOJE

LA DAME AUX CAMELIAS

1.ª recita da Companhia Francesa

BANCO AUXILIAR DO COMERCIO

EXERCICIO DE 1922

Relatorio da Direcção

SENHORES ACCIONISTAS:

O relatorio que temos a honra de vos apresentar, pela vez primeira, refere-se ao ano de 1922 e é um extracto fiel da nossa escrita, que é feita com a clareza e minuciosidade necessarias a uma casa deste genero.

Por uma unanimidade absoluta e portanto, por inteira confiança vossa, fomos eleitos em 8 de Maio ultimo e desde essa data, temo-nos esforçado por corresponder a essa prova de confiança, tendo muita satisfação em vos dizer, com toda a independencia e até orgulho, que o Banco Auxiliar do Comercio é, embora novo, considerado e respeitado no meio financeiro, não só local, como das cidades onde tem seus dignos correspondentes, pela lisura de todas as suas operações.

Como á data da nossa posse, ainda não estivesse livre do antigo inquilino, o predio, onde hoje nos encontramos, á rua do Ouro, 132 a 138, assim como o outro edificio, por nós ocupado e que é a continuação deste com frente para a Rua dos Sapateiros, 69 a 73, tivemos de nos sugeitar ás demoradas obras de adaptação e só em principios de Setembro, é que pudemos dispensar a nossa inteira atenção ao bem servir a nossa clientela, que, como os nossos livros afirmam e temos orgulho de constatar, é bem o reflexo da honorabilidade e correcção do comercio portuguez.

O titulo—«Auxiliar do Comercio»—, mereceu todo o nosso cuidado como o prova, dado o curto periodo de 4 meses da nossa actividade, a quantia relativamente avultada de **Esc. 1.701.285$52** que dispensámos por letras descontadas ao comercio legitimo da nossa praça.

Proseguindo na mesma missão de correspondermos á vossa confiança, faltavam-nos dois factores importantes, que até então, não faziam parte do activo do Banco.

«Cotação oficial das nossas acções na Bolsa de Lisboa» e «Autorisação para Cambios»

Depois de dois meticulosos exames á nossa escrita, feita pelos Ex.^{mos} Delegados da Camara dos Corretores de Cambios e Fundos Publicos de Lisboa, foi-nos concedida essa auctorisação por unanimidade da referida junta.

Depois de egual miticulosidade de provas, foi por despacho de 8 de Dezembro ultimo, concedida pelo Ex.^{mo} Sr. Ministro das Finanças, auctorisação para trabalharmos em **Cambios**, tendo para esse fim, sido feito o respectivo deposito no valor de **Esc. 450.000$00**, na Caixa Geral de Depositos.

O movimento deste Banco e as suas respectivas transacções desenvolvendo-se dia a dia, fez com que realizassemos uma emissão de **Esc. 2.000.000$00**.

Embora esta emissão fosse feita só em Setembro ultimo, constatamos que a nossa receita foi de **Esc. 372.836$22**, podendo ser distribuidos pelos respectivos «Fundos Sociaes» e Srs. accionistas **Esc. 189.818$79**, depois de satisfeitos todos os compromissos sociaes, ficando o Banco isento de quaesquer credores que não sejam os Srs. depositantes.

Fica sugeita á vossa esclarecida atenção a necessidade inadiavel que julgamos haver de uma reforma nos Estatutos Sociaes, e para isso em breve, teremos de pedir de novo a vossa reunião em Assembleia Geral.

Bastante agradavel nos é registar a verdadeira comunhão de ideias havida entre a Direcção e o digno Conselho Fiscal, ao qual afirmamos aqui o nosso reconhecimento pelo constante e valioso concurso que nos deu em todas as ocasiões, em que solicitamos a sua presença e opinião.

De egual forma, estamos reconhecidissimos á respeitavel e antiga firma da cidade do Porto, srs. Alfredo Carneiro de Vasconcelos & F.^{a}, que nos teem honrado no cargo de nosso correspondente naquela cidade.

Ainda nos é grato reconhecer o valioso concurso prestado por todo o pessoal, embora recente, assim como a judiciosa e eficaz assistencia dos nossos dignos advogados e procurador.

Tambem, tendo-se dado algumas vagas nos corpos gerentes deste Banco, durante o ano de 1922 lembramos á Assembleia Geral a necessidade de os preencher.

Julgando por fim ter levado ao vosso conhecimento os principaes actos da nossa administração, no cumprimento do disposto no artigo 14.° alinea (f) dos nossos Estatutos e tendo em atenção o exarado no artigo 39.° dos mesmos, temos a honra de vos propôr a seguinte distribuição do **saldo da conta de ganhos e perdas no quantitativo de Esc. 189.818$79.**

Distribuição pelos «Fundos Sociaes», artigo 39.° alineas (a, b, c, d, g)	68.334$76
Distribuição para cumprimento do artigo 39.° alineas (e, f)	28.472$81
Distribuição para dividendo	90.000$00
Saldo para conta nova	3.011$22
	189.818$79

Lisboa, 16 de março de 1923.

PELO BANCO AUXILIAR DO COMERCIO
A DIRECÇÃO
J. P. Santos
Antonio Pinheiro Silvano
Antonio Carneiro de Vasconcelos

"BALANÇO GERAL" EM 31 DE DEZEMBRO DE 1922

ACTIVO		PASSIVO		
Caixa	188.062$40,5	Capital		3.000.000$00
Banqueiros	36.149$59	Clientes Cobrança		219.735$92
Letras Descontadas e Transferidas	613.651$81	Depositos á Ordem		684.289$17,5
Contas Correntes c/Caução	723.505$80	Depositos a Praso		160.593$78
Letras a Receber	546.707$50	Imposto de Rendimento		537$11
Liquidações em Suspenso	307.764$53	Liquidações em Suspenso		35.296$12
Devedores Gerais	633.464$55	Credores por valores em Caução		331.000$00
Valores em Caução	331.000$00	Imposto s/aplicação de capitaes		586$42
Deposito para Cambiaes	450.000$00	Credores por Cauções Estatutarias		27.500$00
Organisação, Trespasse e Instalação	791.861$99	Credores Geraes		238.809$71
Moveis e Utensilios	38.278$54	Correspondentes no Paiz	19.758$54,5	4.718.106$78
Cauções Estatutarias	27.500$00	Lucros e Perdas		189.818$79
Impressos e Livros	7.500$00			
Correspondentes no Paiz	140.728$85,5			
Valores Fluctuantes	71.000$00			
Rendas Adeantadas	750$00			
	4.907.925$57			4.907.925$57

DESENVOLVIMENTO DA CONTA DE "LUCROS E PERDAS"

DEBITO		CREDITO	
Saldo de 1921	2.357$27,5	Rendimentos diversos	372.836$22
Valor de contribuições e impostos, honorarios á Direcção, ordenados, expediente, juros de depositos, imposto de rendimento, impressos, etc.	180.660$15,5		
LUCRO	189.818$79		
	372.836$22		372.836$22

Lisboa, 31 de Dezembro de 1922.

O Chefe da Contabilidade

Manuel Gregorio Mendes

PELO BANCO AUXILIAR DO COMERCIO
A DIRECÇÃO
J. P. Santos
Antonio Pinheiro Silvano
Antonio Carneiro de Vasconcelos

(Vêr continuação na 7.ª pagina)

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

O "APRES-LA GUERRE"

A ALTA
DO PREÇO DOS GENEROS
na Hungria ameaça a sua independencia?

BUDAPEST, 27

O «Magyar Tozsde» publica um artigo sôbre a alta quasi incrivel dos preços em Budapest durante as festas da Pascoa e depois delas. O preço dos artigos de vestir é actualmente 1:500 vezes maior do que antes da guerra. O preço dos artigos alimenticios aumenta nas mesmas proporções. Um quilo de carne de vaca custa de 1:900 a 2:000 corôas; o de porco de 1:500 a 1:600 e o de manteiga 3:000. Um ovo custa de 36 a 40 corôas. Numa semana aumentou 4:000 corôas o preço do calçado e o seu preço actual é 20 vezes maior ao do ano anterior. Os comerciantes não consideram de importancia a estabilização da corôa no seu valor actual de 0,12 ou menor. Estão preparados para uma baixa até 0,05, com o que aumentariam os seus preços na mesma proporção.—(R.)

A abundancia
dos funcionarios publicos

Alfredo Gratz publica no «Poster Lloyd» um artigo sôbre a redução burocratica que julga deveria fazer-se, quanto antes, para que a Hungria não se veja reduzida ao grau de miseria da Austria e não fique colocada sob a tutela de Genebra. Crê que a diminuição de funcionarios se deve fazer proporcionalmente á diminuição dos serviços publicos. A abundancia de funcionarios deve-se ao facto de o Estado se ter imiscuido na actividade economica durante a guerra e depois dela. Para restabelecer o equilibrio economico, a Hungria deve adaptar as suas condições economicas ás da politica europeia.—(R.)

TEATRO SÃO LUIZ

DOMINGO 9 DE ABRIL DE 1922

CONCERTO pela pianista

ANA GUILLEN

PROGRAMA

Andante (fá m.)	Beethoven
Estudio	
Nocturno	Chopin
Vals	
Fantasia-Improntu	
Fantasia	Schumann
Romanza	
Nocturno	
Evocation	Albeniz
El Puerto	
Estudio de mano ezquierda	Pirkhert
Mazurka	Leschetizky
Soneto 123 n.º IV	Listz
Rapsodia n.º 6	

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

OS TURCOS
EM LAUSANNE
A conferencia começou mal e mal decorre para os aliados

Ismet Pachá intransigente

Não levam mostras de melhoria as negociações da Conferencia de Lausanne; afirmando-se mais intransigentes, a cada reunião, como aliás se esperava, os delegados da Turquia. Ismet Pachá—o chefe—que foi recebido á chegada, com a sua gente, pelo chefe da policia de Lausanne, tem marcado desde a primeira hora; pois até a sua entrada na cidade teve o seu quê de teatral, que despertou as atenções da população inteira. O vagão que conduziu a delegação turca ia adornado com larga profusão de flores e de bandeiras; pormenor de que nenhuma outra delegação se lembrou, ao que parece, com prejuiso notavel, senão para a sua missão diplomatica, pelo menos para o bom acolhimento da opinião publica sempre dada a exterioridades e á sugestão das côres.

* * *

Certo é que Ismet Pachá, emquanto vai repetindo, como num estribilho, que os turcos desejam sinceramente a paz, vai tambem resistindo quanto pode a todas as condições de paz que se lhe propõem.

Veiu a questão das clausulas territoriais, e o turco defendeu teimosamente o seu ponto de vista ácerca de cada um dos problemas em litigio, afirmando que era para ele de importancia primacial a evacuação previa do territorio otomano pelas tropas aliadas.

Falou-se na fronteira do Maritza; e o turco pôs nova divergencia, pretendendo provar que só invocava os precedentes estabelecidos para todos os tratados do mesmo genero; sendo preciso, para o reduzir a uma certa transigencia, que o sr. Venizelos denunciasse a disposição dos gregos de aceitarem uma convenção com servidões em favor da Turquia.

Passou-se á questão da fronteira da Syria, e Ismet, com muito mais força e muito mais insistencia, exigiu que o acôrdo de Angora, ao qual se alude no tratado de paz, fosse ratificado ao mesmo tempo que aque e, por todas as potencias sinatarias. Os aliados bem quizeram demonstrar-lhe que tal pretensão era completamente inaceitavel, por isso que o acôrdo franco-turco, que regulou a referida fronteira, interessa especial e exclusivamente a França e a Turquia; nada tendo que vêr com ele as outras potencias. O chefe da delegação turca teimou, teimou; e não houve remedio senão decidir-se o general Pellé a fazer-lhe, de certo modo, a vontade, propondo que, a titulo de conciliação, se suprimissem do texto do tratado todas as alusões ao acôrdo de Angora. Só assim conseguiram convencê-lo.

* * *

Agora, o interessante da Conferencia é a parte que diz respeito ao contracto Chester, a que aludiremos detalhadamente, e, por virtude dele, á atitude da Gran Bretanha.

Emquanto se tratava de Mossul e dos Dardanelos, o principal adversario da Turquia era a Gran Bretanha. Ao invez, desta feita, como são os problemas economicos e financeiros que predominam, a Inglaterra desinteressou-se quasi, e a luta trava-se apenas e sobretudo entre Pellé e Ismet Pachá; quere dizer: entre a França e a Turquia.

Para se avaliar da gravidade da situação, e para se vêr melhor quanta razão assiste aos que se convenceram de que esta conferencia dificilmente — muito dificilmente mesmo—poderá levar a resultados uteis, bastará lembrar isto: Os delegados que Ismet Pachá chefia têm que dar satisfação ás aspirações do nacionalismo turco. E para isso—o exercito de Kemal Pachá já se declarou aprestado para o que der e vier — têm os aliados que renunciar, não só ás capitulações, mas até a todas as garantias dos seus compatriotas na Turquia, a uma consideravel diminuição das dividas contraídas pelos governos turcos anteriores a este, e ao abandono da defesa de todos os interesses dos seus co-nacionais.

Poderá transigir-se tanto?

LAUSANNE, 27 — Na reunião da comissão economica os turcos pediram que fosse eliminado o artigo relativo ás reparações, por parte dos turcos, dos prejuisos causados aos estrangeiros durante a guerra. Os plenipotenciarios aliados, consultados a este respeito, acederam ao pedido feito pelos turcos, mas mantiveram os direitos dos particulares a essas reparações — (H.).

TERRAS REBELDES

A PAZ
NAO CHEGA A' IRLANDA?
O fuzilamento do rebelde Patrick Mahony

DUBLIN, 27

Patrick Mahony foi fusilado em Nenis por se achar em possessão de armamento. Aparentou sempre grande serenidade. John Olesry que foi julgado pelo mesmo crime teve a sua pena comutada em 10 anos de prisão. Documentos apreendidos a Mahony provam que este estava encarregado de queimar propriedades dos adversarios tendo continuado a faze-lo mesmo depois de ter jurado manter-se inativo após a sua pri-meira prisão.

Estes e outros casos tiram aos mais optimistas a esperança de que se chegue á paz por meio dum acordo formal. O governo do Estado Livre está na disposição de esmagar a rebelião com a maxima violencia sem obedecer a quaisquer compromissos. Continuam as deserções de rebeldes e continuam a serem feitas muitas capturas.—(R.)

Uma greve da fome
de que resulta a liberdade

DUBLIN, 27

Miss Ryan, cunhada do general Hulcahy, ministro da defeza do Estado Livre da Irlanda e O'Neil, que simpatizam com o movimento dos rebeldeses irlandeses e que faziam a greve da fome ha um mês na prisão de Kiemainham foram libertadas devido ao seu estado de saude.

Os emprezarios dos cinemas de Cork, que fecharam essas casas de espectaculo, devido á proclamação dos rebeldes, foram presos pelas autoridades do Estado Livre mas libertados depois de terem garantido que não tornariam a obedecer a ordens dos rebeldes.—(R.)

A DESPEDIDA

—DE—

"Os Fidalgos da Casa Mourisca"

Em vista das ultimas enchentes, que ainda ontem foi até ao extremo de se esgotarem os logares de varias categorias, no Apolo, a empresa resolveu, a começar hoje, dar mais algumas representações com a lindissima peça «OS FIDALGOS DA CASA MOURISCA», adiando-se para quarta feira a 2.ª recita de assinatura, com as peças «A FORÇA DO MAL» e 30 H. P.»

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

(Continuação da 6.ª pagina)

Parecer do Conselho Fiscal

SENHORES ACCIONISTAS:

Conforme determina o artigo 23.º alinea (d) dos Estatutos, examinamos o relatorio da gerencia de 1922, apresentado pela actual direcção e verificámos encontrarem-se as contas exactas e a escrita arrumada de forma a merecer a vossa aprovação.

Da leitura do relatorio e do balanço que o acompanha, podeis constatar que, apesar da actual Direcção ter tomado conta dos destinos do Banco ha poucos meses, ele vos apresenta um resultado deveras animador.

Temos pois o prazer de verificar que o desenvolvimento do nosso Banco se acentuou nestes ultimos tempos e, para isso, contribuiu a direcção actual, habilmente coadjuvada por todos os empregados.

No louvor e agradecimento que fazemos á Direcção, seja-nos permitido que especializemos o Presidente Sr. J. P. Santos e o Gerente Sr. Antonio Carneiro de Vasconcelos que, com um inteligente trabalho e comprovada competencia profissional, conseguiram dar ao Banco um desenvolvimento muito de registar.

Em conclusão, senhores accionistas, temos a honra de vos propor:

1.º Que sejam aprovados o relatorio, balanço e contas da Direcção;

2.º Que aproveis a distribuição dos lucros conforme proposta da Direcção;

3.º Que seja aprovado um voto de louvor á Direcção.

Lisboa, 28 de Março de 1923.

O CONSELHO FISCAL

Dr. Alvaro Machado

Fernando Gonçalves Ribeiro

Isaac José Barros

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

O 19 DE OUTUBRO

A MORTE
do "chauffeur" Gentil
e do coronel Botelho de Vasconcelos

A audiencia começou ás 13 horas.

Depôs José Manuel de Sousa, empregado da Camara e guarda nocturno da area das avenidas novas, que declarou ter visto uma escolta da armada, da qual fazia parte um civil, que reconhece ser o réu Acacio, em frente da casa do coronel Botelho de Vasconcelos.

O promotor:—Não ouviu dizer a um civil: «Quando é que esse figurão vem para baixo?»

—Sim, senhor.

Depôs o guarda civico 184, Antonio Catana, que se encontrava no café «Constante», em frente do governo civil, quando ali esteve a «camionette» fantasma.

O promotor:—Os tripulantes chegaram a entrar na taberna?

—Sim, senhor. Beberam alguma coisa... e momentos depois ouviram-se tiros, caindo no chão o «chauffeur» Gentil.

O presidente do juri:

—Não houve alvoroço quando se ouviram tiros?

—Todas as pessoas que estavam no café, sairam de roldão para a rua.

Antonio Eduardo Inigues, companheiro do *chauffeur*, Gentil, declarou não saber quem matou o seu companheiro; afirma, no entanto, ter visto o sargento Heitor, de quem tambem é amigo, com uma pistola na mão.

O sr. dr. Da Cunha Dias:

—A testemunha na tarde de 19 de outubro não lembrou ao sargento Heitor para ele ir prender o capitão Lobo Pimentel e buscar o cadaver de Sidonio Paes aos Jeronimos para o lançar ao mar?

Apresenta como testemunhas o alferes Matos Cordeiro e o Antonio Catana.

Foi feita a acareação mas não foi possivel chegar a uma conclusão.

Escola Industrial de Fonseca Benevides
2.ª conferencia

Pelas 21,30 horas e numa das salas da Escola Industrial de Fonseca Benevides realiza o sr. Armando de Lucena, distinto pintor e professor daquela Escola, a segunda das conferencias promovidas pela secção literaria e scientifica da Liga de Instrução e Educação da Escola Benevides, subordinada ao titulo: «O mosteiro de Belem e a Renascença Portuguesa».

DE LUTO
José de Matos

Comemorando o 4.º aniversario do seu falecimento reza no proximo domingo, pelas 9 horas, na igreja dos Anjos, uma missa o rev. beneficiado Antonio José Borges, sufragando a alma do sr. José de Matos, conceituado empregado da Escola Central n.º 1, mandada celebrar pela sua viuva e filhos.

D. Delfina da Conceição

Realizou-se hontem o funeral da senhora D. Delfina da Conceição de Lima, estremosa mãe do maestro sr. Tomaz de Lima, professor do Conservatorio Nacional de Musica. O prestito funebre saiu da Casa de Saude da Idanha, para o cemiterio de Belas.

Acompanhamos o maestro Tomás de Lima e familia na sua grande dôr.

ATLAS O MELHOR CALÇADO
Deposito da fabrica
RUA DO OURO, 198

SIFILITICOS
SERTANEJO
PREPARADO BRASILEIRO
Licôr depurativo vegetal — O mais poderoso destruidor das «avarias da mocidade» — SIFILIS E REUMATISMO em geral — Aprovado pela Directoria de Saude Publica do Rio de Janeiro — A' venda: Farmacia Portugal, rua Augusta, 216, 218; Farmacia Tasso, Lda, rua Actor Taborda; Drogaria Pires Tavares, rua 1.º de Dezembro, 128, 130
DEPOSITARIO GERAL EM TODO O PAÍS, ILHAS, COLONIAS E ESPANHA
CLODOVEU MENDES
RUA ARCO DO BANDEIRA, 70, 3.º
TELEFONE C. 36
ACEITAM-SE AGENTES

A TARDE PARLAMENTAR

LEOTE DO REGO
E A POLITICA DE SILENCIO
Atoardas que correm lá fóra sobre Portugal, sem o desmentido dos nossos representantes diplomaticos

A chamada é feita com longos vagares, enquanto não ha numero para abrir a sessão.

Nesta arte dificil de chamar os deputados pelos seus nomes de baptismo, ninguem excede em habilidade e inteligencia o sr. Baltazar Teixeira.

Enquanto a chamada não acusa numero suficiente para abrir os trabalhos, o sr. Baltazar Teixeira demora pelo menos um minuto a pronunciar cada silaba. Mas quando as bancadas estão já suficientemente concorridas, vai por ali fóra que nem um relampago; não faz a chamada, devora a chamada.

— Manuel Alegre!

E o deputado nacionalista, muito triste:

— Está.

— Manuel de Brito Camacho!

Silencio. Ninguem responde.

— Matias Boleto Ferreira de Mira!

E o sr. Mira responde, uma oitava acima do tom:

— Está!

— Pedro Gois Pita!

Voz de tenor abaritonado:

— Está!!

— Pedro Januario do Vale Sá Pereira.

Três oitavas e uma quarta acima do alamiré:

— Está!!!

E ouve-se por longo tempo o eco da sua voz, nesta sala triste das vozes perdidas e das palavras leva-as o vento...

* * *

O sr. Leote do Rego, lamentando que a maioria lhe tivesse negado ontem aprovação para o seu negocio urgente:

— Eu sou um habitante desta casa ha quasi dezasete anos e foi a primeira vez que me não deixaram falar.

Faz em seguida um pouco de historia politica dos ultimos anos de Republica:

— Corria o ano de 1914. Este país era gonado pelo sr. Pimenta de Castro, que tinha posto de lado a letra da Constituição. Pois houve duas pessoas teimosas que a restabeleceram: uma era eu, outra era o capitão de fragata sr. Freitas Ribeiro. Fui uma pessoa notavel neste país, sr. presidente! Até membro do directorio do Partido Democratico! Pois nesta hora em que regresso de Paris, onde fiz ao «Temps» declarações que só prestigiam o bom nome de Portugal, em vez de um modesto cartão de visita do sr. ministro dos Estrangeiros, recebi em paga uma recusa da maioria que me não quiz deixar falar. Pois não me calo! Se não for aqui dentro, irei para a praça publica, porque sou teimoso e apesar de não pertencer já ao Partido Democratico, conservo ainda a virtude de ter um grande amor a minha terra.

O ilustre deputado fala agora da assinatura da parte I do convenio com a União Sul Africana.

—No dia em que o general Garcia Rosado, a cuja inteligencia presto a minha homenagem, passou em corte triunfal pelas ruas de Pretoria, a provincia de Moçambique ficou amarrada por treze anos á grilheta dos interesses da União Sul Africana.

—Com a assinatura desse convenio, afirma o sr. Leote do Rego, Portugal vem confessar que não quere ser mais do que um parasita das minas do Transvaal.

O orador cai agora a fundo sobre a politica de silencio do sr. ministro das Colonias, que contrasta singularmente com o desembaraço da lingua do general Smuts.

Afirma em seguida ter conhecimento de que a associação anti-escravagista inglesa se propõe pedir á Sociedade das Nações que ordene um inquerito ás colonias portuguesas, especialmente a S. Tomé.

—E isto é tanto mais grave, quanto é certo que Portugal não tem representantes na comissão dos mandatos coloniais da Sociedade das Nações, onde os logares que nos competiam foram ocupados pelos representantes de países neutros.

A proposito de um artigo contra Portugal, publicado num jornal norte-americano, em que se diz que o governo portugués vai alienar a provincia de Macau, o sr. Leote do Rego pregunta qual foi a atitude do nosso ministro em Washington.

—A politica do silencio não é só seguida na metropole, é tambem religiosamente seguida lá fora por alguns dos nossos representantes diplomaticos.

Termina enviando para a mesa a seguinte moção, que foi regeitada pela maioria:

«A Camara faz votos por que o poder executivo nunca se dispense de a informar, na devida oportunidade, sobre todas as ocorrencias e combinações de caracter internacional que interessam a nação, sobretudo aquelas que carecem da sua sancção. Faz tambem votos por que os nossos representantes no estrangeiro, em continua vigilancia, saibam restabelecer prontamente a verdade sempre que se esbocem quaisquer campanhas ou apareçam noticias falsas, atentatorias do brio nacional e dos nossos interesses.»

* * *

O sr. presidente do ministerio responde ao sr. Leote do Rego:

—Não posso deixar de afirmar perentoriamente que é absolutamente falsa qualquer noticia vinda a lume que diga respeito á alienação da provincia de Macau ou de qualquer parte do territorio nacional.

Declara tambem que não existe escravatura nas nossas colonias, quaisquer que sejam as atoardas que correm mundo na boca de caluniadores do nosso país.

* * *

O sr. Hermano de Medeiros deseja tratar, em negocio urgente, de varios casos que se prendem com a ordem publica, como seja a explosão de bombas.

Vozes:—Ora! Ora!

Foi regeitado, em contra-prova. A maioria conserva-se de pé.

O sr. *Hermano de Medeiros:*—Ficamos sabendo que são correligionarios dos bombistas.

O sr. *Sá Pereira*:—Não nos confunda.

O sr. *Cancela de Abreu:*—E' o pão nosso de cada dia.

Vozes:—Ordem! Ordem!

Resultado da votação: rejeitaram 39 e aprovaram 23 deputados.

* * *

O sr. Antonio de Mendonça, falando sobre um projecto que melhora as condições da guarda republicana, declara que nasceu nas serras, lá perto do céu, onde o azul é mais claro e o ar mais diafano e mais puro.

Que a guarda republicana lhe agradeça este naco de eloquencia poetica e diafana.

* * *

Em contra-prova foi rejeitada a urgencia e dispensa do regimento, requerida pelo sr. Sá Pereira, para uma proposta do sr. ministro da Instrução sobre determinadas preferencias concedidas aos professores que são casados com professoras. Regeitaram 30 deputados, entre os quais muitos da maioria, e aprovaram 29.

"CRUZEIRO DO SUL"
— POR —
NORBERTO LOPES
A sair brevemente

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES
Monitor da clinica de Necker — Paris
RINS e vias urinarias. Venereologia e sifilis.
T. N. de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 h. Telef. 5205-N.

AO SUL DE ANGOLA

NAUFRAGOU
o vapor "Mossamedes"
salvando-se a tripulação e passageiros

O *Mossamedes*—o antigo vapor inglês *Sumatra*—4:615 toneladas, pertencente á Companhia Nacional de Navegação, pode considerar-se perdido. Por isso, á laia de necrologio, duas linhas de historia da sua carcassa.

Foi comprado em 1915. Pouco depois entrámos na guerra, e, durante esse periodo, prestou magnificos serviços, conduzindo tropas e passageiros para as nossas colonias. Antes de ser comprado, fazia carreiras para a Australia.

Uma nota curiosa: — o seu comandante, sr. Antonio Eduardo de Oliveira, foi o comandante de dois navios torpedeados e metidos a pique o *Cazengo* que transportava carvão para Lisboa e o *Angola* que levava vinho e sardinhas para Bordeus.

O *Mossamedes* trazia a bordo 237 pessoas, entre elas 29 mulheres e 35 creanças. Saiu do Cabo no dia 20. No dia 25, ás 3 e 30 encalhou no Cabo Frio. Pediu imediatamente socorro pela T. S. F. que pouco depois se avariou e começou lançando balieiras ao mar, com os passageiros e a tripulação.

Segundo um telegrama vindo de Mossamedes, o vapor *Port Victor* recolheu todos os naufragos.

Por outro lado, porém, um telegrama hoje recebido, diz que, quando o navio inglês chegou junto do *Mossamedes*, já ele não tinha ninguem a bordo.

* * *

A Companhia Nacional de Navegação recebeu hoje o seguinte telegrama da Agencia de Cap Town, datado de ontem ás 10 horas:

«*Já chegaram 3 balieiras do* Mossamedes *a Porto Alexandre. Telegrafaremos detalhes oportunamente*».

Por enquanto, a Companhia ainda não recebeu noticia alguma sobre o afundamento do *Mossamedes* e sobre os socorros do *Port Victor*.

* * *

Procurando informes no ministerio das Colonias, ali nos foi dito que só se sabia da chegada das 3 balieiras a Porto Alexandre, explicando-se a falta de noticias pelo facto de o Cabo Frio ficar a mais de 190 milhas do Porto Alexandre.

E' muito possivel que as restantes balieiras tenham arribado á Baía dos Tigres que fica entre os dois pontos e onde não há telegrafo. Há informação de andarem varios barcos á procura delas.

* * *

Muitas pessoas das familias dos passageiros e dos tripulantes têm-se ido informar hoje ao ministerio das Colonias e á Companhia da sorte dos seus parentes.

Pode dar-se quasi como positivo que, ao passo que o *Mossamedes* se pode considerar perdido, não deve ter havido nenhum desastre com as pessoas que vinham a bordo.

Touromaquia
«Facultades» e Simão da Veiga, filho

No proximo domingo, no Campo Pequeno, os touros são de João Coimbra. E, a aproveitar-lhes todas as boas qualidades de lide, estarão na arena artistas de recursos, como o matador de touros Francisco Peralta «Facultades», que por certo terá uma das suas mais brilhantes tardes; o joven cavaleiro Simão da Veiga, filho; o destemido cavaleiro Ricardo Teixeira, cuja valentia o publico admira sempre; o bandarilheiro Agostinho Coelho, que lidará um touro em competencia com o bandarilheiro espanhol Rafael Moyano, filho do antigo e notavel bandarilheiro José Moyano; Cadete, «Punteret» e Plas Flores e os uteis lidadores Tadeu e Rodrigues Raposo.

Doenças da boca e dos maxilares
Extracção de dentes e raizes com anestesia — Dentes artificiais
Em consulta especial para as classes menos abastadas e a preços de policlinica ás 10 horas no
Consultorio do Dr. Ferreira Pires
R. Jardim do Regedor, 51, 1.º

MIGUEL CRESPO e FREIRE FALCÃO
ADVOGADOS
Telefone 4335 C — R. Arco Bandeira, 139, 2.º, D.